

A CRIANÇA BILÍNGUE BIMODAL E OS DIFERENTES INTERLOCUTORES: UM ESTUDO DE CASO

Bruna Crescêncio Neves¹

RESUMO: Interessado nos estudos referentes ao bilinguismo bimodal, este trabalho analisa a produção linguística de uma criança ouvinte, filha de pais surdos, diante de diferentes interlocutores – monolíngue e bilíngue. Para tanto, traça brevemente as pesquisas inerentes ao bilinguismo e especificamente, ao bilinguismo bimodal, a fim de expor os estudos que têm sido conduzidos na área (GROSJEAN, 1994, 2001, 2010; EMMOREY *et al*, 2008; SOUSA e QUADROS, 2012; QUADROS *et al*, 2013) Apresenta também a metodologia adotada para este estudo de caso e uma contextualização dos participantes e situação em que ocorre a interação. Por fim, analisa os dados encontrados e mostra que a criança bilíngue bimodal assume diferentes modos da linguagem (monolíngue-bilíngue) de acordo com seu interlocutor.

Palavras-chave: Bilinguismo Bimodal; Libras; Português Brasileiro

INTRODUÇÃO

Este estudo traz discussões acerca do bilinguismo e visa especular qual a relação da criança bilíngue com as duas línguas, conforme os seus interlocutores. Grosjean (1994) explica que diante de falantes monolíngues, os bilíngues adotam a língua de seu interlocutor e desativam quase que completamente as outras línguas. No modo bilíngue, os falantes interagem entre si, sendo que a escolha da língua é determinada por diferentes fatores, como a situação, função da interação e os sujeitos envolvidos. Nesse sentido, “uma vez escolhida a língua-base, os bilíngues podem trazer a outra língua (língua ‘convidada’ ou ‘encaixada’) para a conversação de várias maneiras” (GROSJEAN, 1994, p.164).

Propõe-se, dessa forma, analisar a produção linguística de uma criança ouvinte, filha de pais surdos (doravante codas – termo do inglês - *Children of deaf adults*) diante de diferentes interlocutores. As codas são os bilíngues

¹ Graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora de Português como segunda língua para surdos, no Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Palhoça Bilíngue.



bimodais naturais, isso porque desde a mais tenra idade essas crianças têm contato com as duas línguas – língua falada e língua de sinais – no ambiente em que estão inseridos. Desse modo, caracterizam-se como bilíngues bimodais as pessoas que cresceram em famílias surdas, que têm uma afiliação tanto com a comunidade surda quanto com a ouvinte (EMMOREY *et al.*; 2008).

As produções analisadas neste artigo fazem parte do banco de dados do projeto “Desenvolvimento bilíngue bimodal binacional: estudo interlinguístico entre crianças surdas com implantes cocleares e crianças ouvintes sinalizantes (Bibibi)” coordenado no Brasil pela Profa. Ronice Muller de Quadros. Esse projeto está sendo desenvolvido em parceria com os Estados Unidos, onde está sob a responsabilidade das pesquisadoras Diane Lillo-Martin e Deborah Chen Pichler.

Para o presente estudo foram escolhidas duas interações da criança bilíngue bimodal com sujeitos ouvintes. Um dos sujeitos é bilíngue, usuário da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o outro é ouvinte e não tem domínio da Libras. Pretende-se observar como a criança faz uso das duas línguas, segundo seus interlocutores e quais as circunstâncias em que ocorrem sobreposição e alternância de línguas.

REFERENCIAL TEÓRICO

BILINGUISMO

Para compreender um pouco a relação da criança bilíngue bimodal com as duas línguas – Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o Português Brasileiro (PB), é fundamental conhecer alguns fenômenos inerentes ao bilinguismo.

Há muitas definições sobre o que é ser bilíngue. Popularmente, algumas pessoas veem a capacidade de usar duas línguas perfeitamente como bilinguismo. Grosjean (2010), em seu livro “Bilingual: Life and reality”, apresenta uma série de esclarecimentos acerca de alguns mitos referentes ao bilinguismo e defende que nem todos os bilíngues possuem competências equivalentes nas duas línguas, concordando com Macnamara (1967 apud HARMERS e BLANC, 2000, p.6) que afirma que “um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever), em uma língua diferente de sua língua nativa”. Segundo os pesquisadores, essas habilidades linguísticas estão ligadas a outros fatores, como por exemplo, imigração, educação, residência temporária e relaciona-se com os fins pelos quais a segunda língua é usada.

De acordo com Grosjean (2010), o bilinguismo não é algo raro e estima-se que mais da metade da população é bilíngue. Diante dessa realidade, alguns pesquisadores (GENESEE, 1989; NICOLADIS, 1998; KOVELMAN *et al.*, 2008) têm buscado responder às questões referentes ao bilinguismo, muitos deles voltados especialmente para a aquisição bilíngue, o processamento linguístico e a relação do sujeito bilíngue com as duas línguas. Grosjean (2010) discute alguns desses aspectos, e quebra alguns estereótipos concernentes à mistura de línguas e também à aquisição de duas línguas. Segundo o





pesquisador, é comum nos depararmos com o discurso “*Mistura de línguas é um sinal de preguiça em bilingues*” e/ou “*Bilingues sempre misturam as duas línguas*”. No entanto, Grosjean (2010) mostra que essas misturas e empréstimos são bastante comuns quando os bilíngues estão interagindo com outros bilíngues, é o que chamamos de modo bilíngue. Nesse modo, os bilíngues interagem entre si e compartilham as duas línguas separadamente ou misturando-as (mudança de código, empréstimo, etc.) e a escolha da língua é influenciada pela situação da interação, conteúdo do discurso e função da interação (GROSJEAN, 1994). Entretanto, essas misturas não acontecem em todos os momentos, pois, conforme Grosjean (1994, 2010), quando os bilíngues estão diante de interlocutores monolíngues, eles adotam a língua de seu interlocutor e conseguem desligar-se um pouco mais das interferências linguísticas da outra língua, mas isso não impede que eles introduzam nas modalidades falada, escrita ou de sinais, características fonológicas, lexicais, semânticas e pragmáticas da outra língua.

A aquisição bilíngue está intimamente ligada à relação da criança com as duas línguas. O *input linguístico* o qual a criança tem acesso é crucial para o desenvolvimento dos padrões linguísticos, uma vez que, segundo Crain e Lillo-Martin (1998, p. 4 e 5) a criança nasce com uma capacidade inata, que a orienta na tarefa de aquisição da linguagem e essa capacidade é ativada a partir do contato com a língua (as línguas) no meio em que está inserido. Para alguns pesquisadores (HOUWER, 1990; GENESEE, 1989 apud BIALYSTOK, 2001), as misturas e alternância de línguas produzidas pelas crianças refletem os dados oferecidos pelo ambiente, ou seja, o modelo de línguas apresentado pelos pais pode influenciar o grau em que as crianças irão manifestar esses fenômenos. Para Bialystok (2001), a exposição aos fragmentos de outras línguas é inevitável no desenvolvimento da linguagem, pois nenhuma língua é imune à “intrusão” de palavras, frases, que são depositadas de uma língua para outra.

BILINGUISTO BIMODAL

Normalmente, quando falamos em bilinguismo, presumimos prioritariamente a competência linguística em usar duas línguas faladas. Todavia, com o reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais, pesquisadores (EMMOREY et al, 2008; PETITTO et al., 2000; QUADROS et al., 2010; 2013) têm explorado o bilinguismo bimodal. Nesse sentido, caracterizam-se como bilíngues bimodais, os ouvintes filhos de pais surdos (codas) que têm no ambiente familiar o contato com as duas línguas desde a mais tenra idade. Emmorey et al. (2008) dizem que esses sujeitos não são somente bilíngues, mas também biculturais, visto que estão imersos na comunidade ouvinte e surda e compartilham das experiências cotidianas e dos comportamentos e costumes dos dois grupos.

Os bilíngues bimodais, diferente dos unimodais, adquirem duas línguas de diferentes modalidades: língua de sinais e língua falada. Eles não possuem restrições quanto à produção e percepção, já que usufruem de dois canais de



saída e entrada: o trato vocal e as mãos/a audição e a visão. Dessa forma, os fenômenos linguísticos inerentes aos bilíngues unimodais não são frequentes na produção dos bimodais, como a alternância, prevalecendo a sobreposição de línguas. Emmorey *et al.* (2008) encontraram alternância de línguas em 6% das produções dos bilíngues bimodais, e 36% de sobreposições de línguas. Petitto *et al.* (2001) também obtiveram resultados similares em seu estudo, em que as crianças bilíngues bimodais produziram um pequeno número de alternâncias (<10%) em comparação com a sobreposição de línguas (90%).

A ocorrência de sobreposição de línguas é uma característica dos bilíngues bimodais, isso porque eles produzem os sinais e a fala simultaneamente, pois as duas línguas envolvidas nesse processo pertencem a modalidades distintas (oral/auditiva e espaço/visual), o que justifica os dados encontrados pelos pesquisadores. Van Den Bogaerde & Baker (2000 apud QUADROS *et al.*, 2013) constataram que as produções dos pais influenciam no *output linguístico* das crianças, pois foram encontradas sobreposições de línguas também nas produções dos pais.

Um estudo intitulado “O que os bilíngues têm a nos dizer sobre o desenvolvimento bilíngue” de Quadros *et al.* (2013), responde algumas questões referentes ao bilinguismo. As autoras destacaram que mesmo produzindo duas línguas simultaneamente, os bilíngues bimodais processam apenas uma computação, já que eles sempre produzem uma única proposição, ou seja, as línguas estão sempre disponíveis aos bilíngues e podem ser acessadas alternadamente ou simultaneamente. Além disso, Quadros *et al.* (2013) mostraram que as crianças bilíngues bimodais apresentam desenvolvimento da linguagem análogo aos bilíngues unimodais e que as diferenças são decorrentes das modalidades.

METODOLOGIA

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Os dados a serem analisados fazem parte do projeto de pesquisa “Desenvolvimento bilíngue bimodal binacional”. O referido projeto tem como objetivo principal investigar o desenvolvimento bilíngue bimodal (língua de sinais e língua oral) das crianças surdas com implante coclear (CI) e das crianças ouvintes filhas de pais surdos (codas). Dentro da pesquisa são realizados dois tipos de estudos – estudo longitudinal e experimental. No estudo longitudinal, as interações das crianças com adultos surdos (pais) e ouvintes (colaboradores da pesquisa) são produzidas espontaneamente e filmadas para posterior análise; cada sessão dura cerca de 30 minutos. As crianças começam a ser acompanhadas desde um ano e meio até três ou quatro anos. Os encontros acontecem uma vez por semana, intercalando as interações com adultos ouvintes e surdos. No estudo experimental/transversal,





os dados são coletados por meio de testes² aplicados pelos pesquisadores e colaboradores do projeto. A idade das crianças difere do estudo longitudinal; nesse, as crianças que participam têm entre quatro e sete anos de idade e as sessões são coletadas anualmente.

Após a coleta de dados, as produções coletadas são transcritas. No projeto Bibibi, todos os dados são transcritos através do ELAN (Anotador Linguístico EUDICO), um software desenvolvido e distribuído gratuitamente pelo Instituto Max Plank de Psicolinguística, na Holanda. Segundo Christmann *et al.* (2010, p.2), “o ELAN favorece a transcrição de vídeos, pois permite a visualização de uma *timeline* (semelhante aos programas de edição de vídeo) na qual se pode realizar anotações em linhas, denominadas *trilhas*³”.

As transcrições dos dados analisados neste artigo foram norteadas pelas Convenções de transcrição de sinais e fala, adotadas pelos pesquisadores do Projeto Bibibi. Essas convenções visam à padronização das transcrições realizadas e também à especificação das trilhas utilizadas no projeto – 11 trilhas em Libras e PB. As três trilhas observadas neste artigo são: 1) *LSB Utterance* (enunciado em Língua Brasileira de Sinais): onde o sinal sinalizado é representado por uma anotação na linha, seguindo as convenções de gestos, emblemas e apontações⁴; e 2) *BP Utterance* (enunciado em Português Brasileiro): representa o enunciado falado através de uma anotação na trilha.

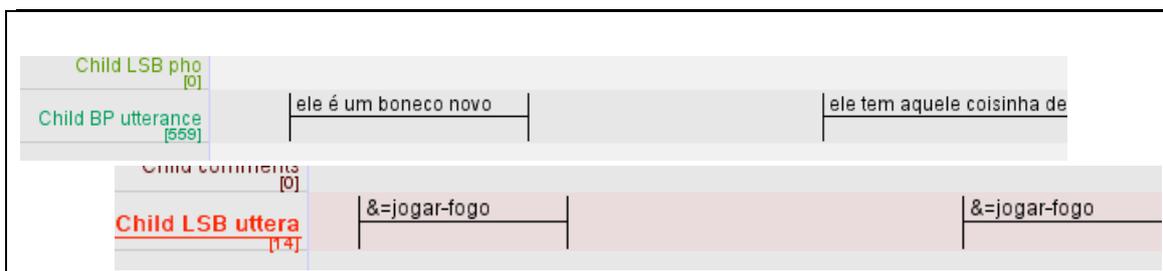


Figura1: Trilhas utilizadas na pesquisa

² Teste Kendall (Libras), teste de escala de linguagem (PSL4 –Português), de habilidades linguísticas (Libras), de Morfologia Verbal (Libras e PB), de ordem dos sinais/palavras, vocabulário (Libras e Português), consciência fonológica, avaliação da produção e percepção fonológica (Libras e PB), de pseudopalavras (PB), de pseudosinais (Libras) de avaliação da linguagem expressiva e narrativa, teste não verbal e de elicitación de interrogativas (QUADROS *et al.* 2011)

³ São linhas que permitem anotações. Os trechos transcritos nas trilhas de anotações são associados aos trechos dos vídeos. As trilhas são nomeadas conforme os objetivos dos pesquisadores com a pesquisa, no caso da língua de sinais, por exemplo, linhas para anotações das glosas (anotações específicas de elementos isolados para fazer referência a outro texto), tradução para português ou outro idioma, marcações não-manuais, sons associados à produção de sinais, descrição do contexto de interação, comentários, entre outros (CHRISTMANN *et al.*, 2010)

⁴ Quando os movimentos apresentam significados, mas não fazem parte da língua de sinais, são chamados de gestos ou emblemas. O código a ser usado é o seguinte: g(para gesto) e e(para emblema). Para apontação é utilizado o código IX acompanhado da descrição do apontamento, por exemplo, se a criança apontar para a mãe – IX (mãe) ou apontou para um gato – IX(gato).

O software ELAN permite a adaptação de trilhas de acordo com o objetivo da pesquisa. Devido a essa flexibilidade e fácil acesso, o ELAN tem sido utilizado nas pesquisas da área de tradução e linguística, especialmente pelos pesquisadores da língua de sinais (QUADROS *et al.*, 2013; SOUSA e QUADROS, 2012; PIZZIO, 2008; NEVES, 2013) principalmente por permitir que vídeo, áudio e transcrição estejam juntos em um único programa.

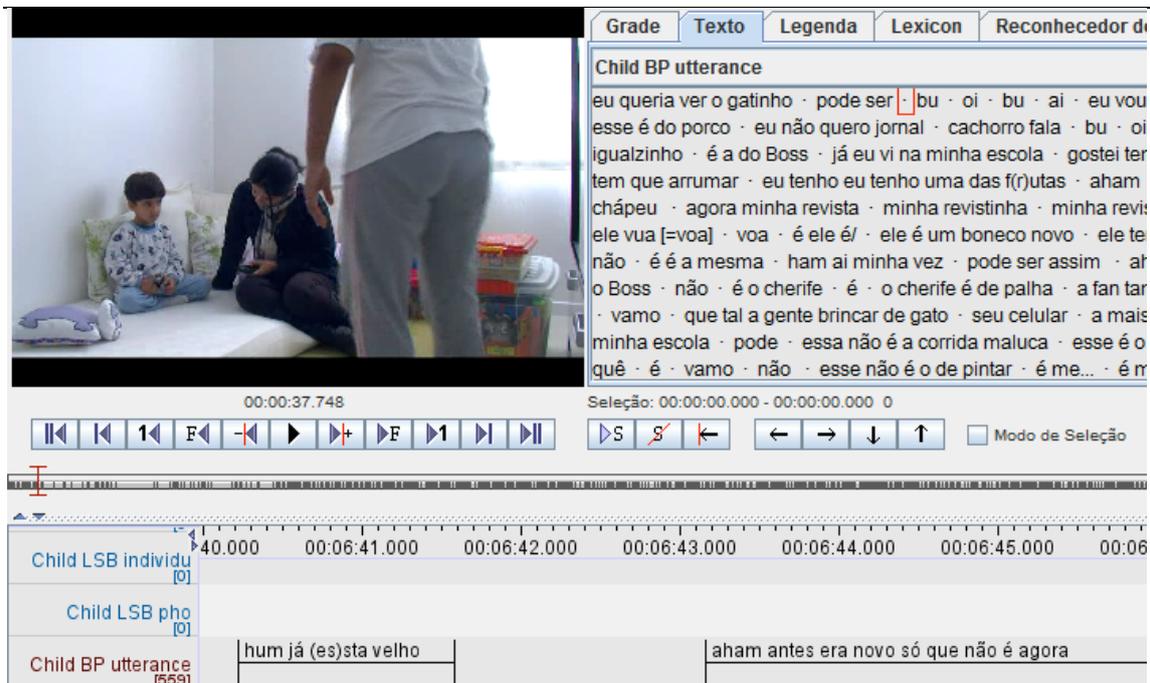


Figura 2. Layout ELAN

PARTICIPANTES

Para este estudo foram selecionadas interações da criança coda (EDU) com diferentes interlocutores. Será apresentada a análise qualitativa e quantitativa. Na primeira, somente da interação em Português e, na segunda, um panorama das produções de Edu. Para os dados qualitativos, será observada uma gravação, com o ouvinte Pedro⁵, que ocorreu quando Edu tinha três anos, já na segunda interação, com a ouvinte Carla⁶, a criança tinha três anos e dez meses. Essas produções fazem parte do estudo longitudinal do projeto Bibibi. Cada interação tem cerca de 40 minutos.

Edu é ouvinte, filho de pais e mãe surdos, ambos usuários de língua de sinais. Com os familiares, professores e colegas de trabalho, o menino tem contato com a língua oral. Pedro, um dos participantes da interação com Edu é ouvinte, intérprete e domina a Língua Brasileira de Sinais (Libras), diferente da outra participante, Carla, que até o fim das interações com Edu não sabia língua de sinais.

⁵ Pseudônimo utilizado para a pesquisa

⁶ Pseudônimo utilizado para pesquisa



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este estudo busca observar a produção linguística da criança coda diante de interlocutores monolíngue e bilíngue, investigando em quais circunstâncias Edu traz (e se traz) para a interação em Português Brasileiro (PB), a Libras, analisando também a ocorrência da sobreposição e alternância de língua.

Primeiramente será analisada a interação da criança coda com o ouvinte fluente em Libras. Durante toda a interação o ouvinte utiliza a língua de sinais, como é possível observar no ELAN, onde encontramos 75 enunciados em Libras e 519 em PB. É importante ressaltar que o foco dessa interação era o Português Brasileiro.

Adult1 LSB utteran [75]	SÓ POSS(si) BONITO SÓ POSS(si) BONITO IX(você) BONITO E(não)	PUXA--
Adult1 LSB individ [0]		
Adult1 LSB pho [0]		
Adult1 BP utteranc [519]	só o meu pai só o meu pai é bonito você não é bonito	

Figura 3. Produção linguística do adulto ouvinte fluente em Libras

Na produção de Edu identifica-se também o uso da Libras, em um número muito menor, comparado ao adulto ouvinte. A criança produz 15 enunciados em Libras e 743 em PB.

Child LSB uttera [15]	&=jogar-fogo
Child LSB individu [0]	
Child LSB pho [0]	
Child BP utterance [743]	fogo

Figura 4. Produção linguística em Libras e PB da criança

De fato, os dados mostram que a criança e o adulto trazem a Libras para a interação em PB. Mas, em quais circunstâncias a criança e o adulto introduzem a língua de sinais na situação? Essa ocorrência é influenciada pela produção do adulto ouvinte? A presença da mãe surda no momento da interação pode ter propiciado esses resultados? Há uma maior ocorrência de sobreposição ou alternância de línguas?

A interação analisada acontece na casa da criança, de forma espontânea, com duração de 45 minutos e 22 segundos. No começo, há resistência de Edu em interagir com o adulto, que por sua vez inicia o contato sobrepondo Libras e PB. Desde o primeiro momento, o adulto utiliza a língua de sinais e estabelece contato com a criança e também com a mãe, que observa e incentiva a criança a brincar com o ouvinte. Pedro, o adulto ouvinte,

traz a língua de sinais para a interação com diferentes propósitos: 1) estabelecer contato com a mãe surda: o adulto inclui a mãe no diálogo em vários momentos da gravação, e recorre à língua de sinais durante a interação para manter a mãe inserida na conversa, repetindo (interpretando para Libras) a fala da criança. No excerto abaixo, é possível visualizar um desses momentos. Neste recorte da interação, a criança chama o adulto de fraco, e ele repete o enunciado para a mãe, sobrepondo PB e Libras.



Figura 5: Sobreposição (1) no enunciado do adulto ouvinte

2) a produção da língua de sinais concomitante ou alternada com o Português Brasileiro acontece de forma espontânea: a ocorrência de língua de sinais em alguns momentos não está ligada à mãe e nem ao menino, acontece naturalmente. Por exemplo, em um momento em que o adulto deixa cair uma caixa de lápis de cor no chão, o mesmo fala e sinaliza “Burro”.

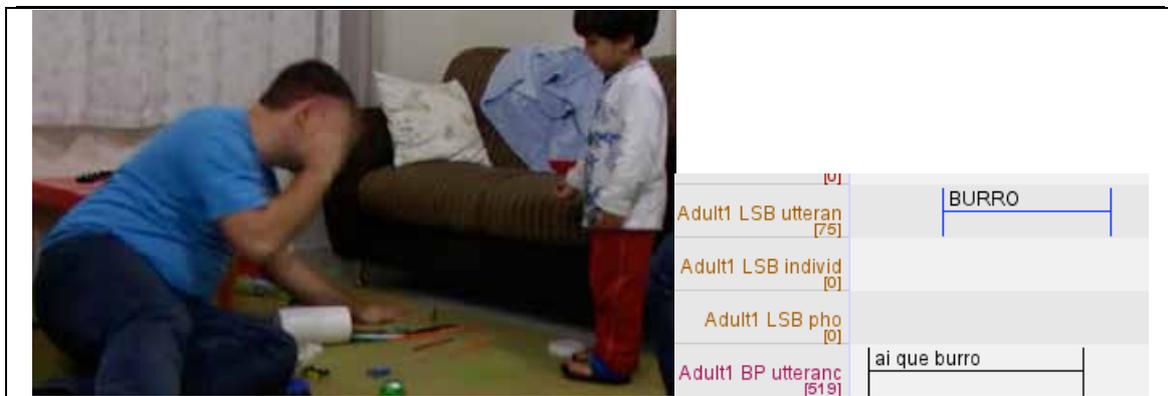


Figura 6: Sobreposição (2) no enunciado do adulto ouvinte

3) quando há estabelecimento do olhar: nos momentos em que a criança está brincando e não estabelece o olhar, o adulto não produz enunciados em língua de sinais, somente em PB.



	Adult1 comments [0]	
	Adult1 LSB utteran [75]	PULAR
	Adult1 LSB individ [0]	
	Adult1 LSB pho [0]	
	Adult1 BP utteranc [519]	(es)tava pulando né
	[0]	
	Adult1 LSB utteran [75]	
	Adult1 LSB individ [0]	
	Adult1 LSB pho [0]	
	Adult1 BP utteranc [519]	que que tem lá na escola (es)tá ruim

Figura 7: Sobreposição (3) no enunciado do adulto ouvinte

A produção do adulto ouvinte é marcada por uma grande incidência de sobreposição de línguas. Dos 75 enunciados produzidos por ele, 50 apresentam sobreposição de línguas, cerca de 66%.

[0]	
Adult1 LSB utteran [75]	E(esperar) VERGONHA XXX E(esperar)
Adult1 LSB individ [0]	
Adult1 LSB pho [0]	
Adult1 BP utteranc [519]	tudo bem eu espero a vergonha passar eu espero

Figura 8: Sobreposição Libras e PB na produção do adulto

A alternância de línguas aparece em 44% da produção em língua de sinais. No entanto, nem todos os enunciados são referentes à conversa do adulto com a criança (9,3%), a maioria dos enunciados sobrepostos é correspondente à interação do adulto com a mãe surda (34,7%). No primeiro fragmento, abaixo, o adulto pergunta para a mãe se Edu conhece o desenho “transformes” e a criança não participa dessa conversa. Já no segundo fragmento, o adulto questiona à criança se ele pode ficar no lugar em que está.

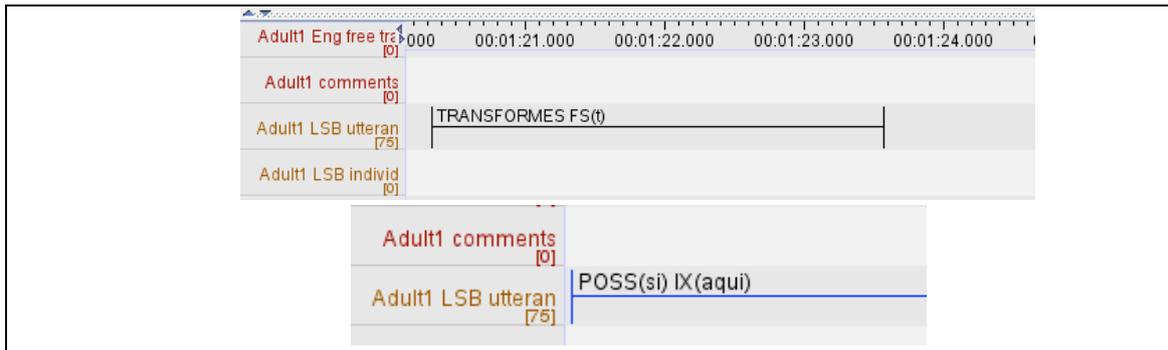


Figura 9: Alternância de línguas na produção do adulto ouvinte

A produção linguística do adulto é crucial para as escolhas linguísticas da criança, pois diante de interlocutores bilíngues, os “falantes” introduzem as duas línguas na interação. Durante os 45 minutos de diálogo, Edu utiliza a Libras em poucos momentos; a criança recorreu à língua de sinais: 1) quando o seu interlocutor usa língua de sinais - alguns sinais aparecem na interação de Edu com o adulto ouvinte, essas aparições acontecem quando o seu interlocutor utiliza a Libras na comunicação.

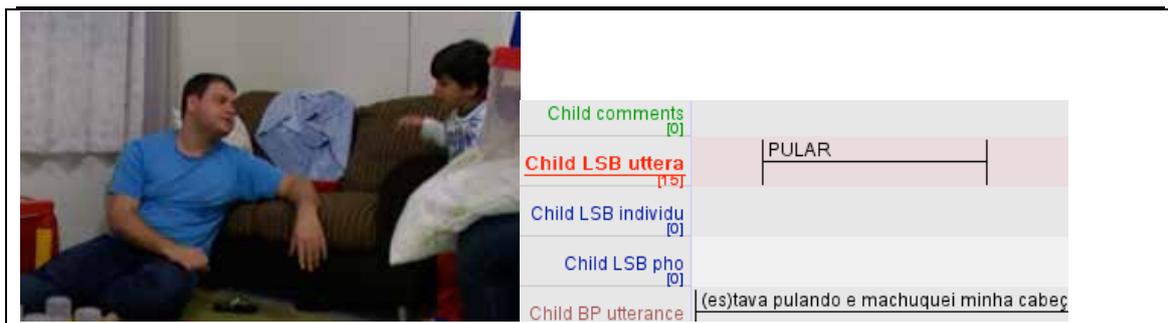


Figura 10: Sobreposição de línguas (1) na produção da criança bilíngue bimodal

2) A criança usa a Libras para se dirigir à mãe - em alguns momentos Edu traz para a interação a língua de sinais para estabelecer contato com a mãe.

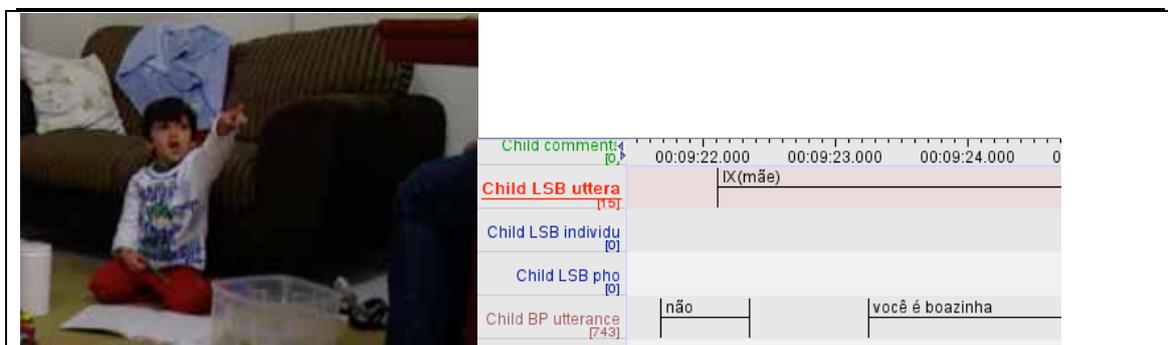


Figura 11: Sobreposição de línguas (2) na produção da criança bilíngue bimodal





Ao analisar os dados da criança bilíngue, observou-se prevalência da sobreposição de línguas. Dos 15 enunciados em Libras de Edu, 10 ocorreram sobrepostos com o PB, cerca de 66% da produção da criança.

No que diz respeito à interação da criança bilíngue bimodal com o interlocutor monolíngue, a adulta ouvinte, chamada nesta pesquisa de Carla, há uma disparidade visível na produção do menino. Os dados foram coletados nas mesmas circunstâncias que os analisados anteriormente, em uma situação espontânea, na casa da criança, com duração de 43 minutos e 45 segundos.

A adulta ouvinte não sabe Libras e conversa com a mãe por meio do PB, uma vez que a mãe é oralizada e realiza leitura labial. Inicialmente, Edu apresenta resistência em interagir, mas essa recusa dura pouco tempo e a mãe dá um suporte para o início da interação. A produção linguística de Edu é visivelmente diferente com a adulta monolíngue, pois ele não apresenta nenhum enunciado em Libras. Em nenhum momento, Edu traz a língua de sinais para a interação, assim como a sua interlocutora.

Child LSB utteranc [0]	
Child BP utterance [559]	eu não (es)tou com sono
Adult1 LSB utteran [0]	
Adult1 LSB individ [0]	
Adult1 BP utteranc [490]	mas você esta quieti

Figura 12: Produção linguística da adulta monolíngue e da criança (PB e Libras)

Os dados analisados corroboram os estudos acerca do bilinguismo, que têm mostrado que, em seu cotidiano, os bilíngues encontram-se em um *continuum* situacional que provoca diferentes modos de expressão, dependendo dos seus interlocutores (GROSJEAN, 1994). Grosjean chama esses modos expressão, de modo monolíngue e bilíngue. Na interação de Edu com os diferentes interlocutores, é possível observar esse fenômeno. A criança observa a produção linguística do adulto e, diante do sujeito bilíngue, compartilha da língua falada e sinalizada, através da sobreposição e alternância de línguas. Perante o interlocutor monolíngue, desativa quase que completamente a Libras. Grosjean (1994) diz que, geralmente, essa desativação não é completa e que, em alguns casos, os bilíngues produzem interferências que podem ocorrer em todos os níveis da língua – fonológico, lexical, sintático, semântico, pragmático. No entanto, em nenhum momento, a criança apresentou essas interferências, prevalecendo o PB durante toda a interação.

No que se refere ao modo bilíngue, Grosjean (1994) afirma que primeiramente os bilíngues interagem entre si, adotam uma língua base (matriz), e essa escolha é determinada por diferentes fatores: interlocutores envolvidos, a situação da interação, o conteúdo do discurso e a função da

interação. Após a seleção da língua base, os bilíngues podem trazer a outra língua convidada ou encaixada para a conversação de várias maneiras, seja pela alternância ou sobreposição de línguas, no caso dos bilíngues bimodais. Nos dados analisados, a língua base é o PB, e essa escolha é definida pela função da interação, que tinha como objetivo observar a interação da criança bilíngue bimodal com o adulto ouvinte, tendo como foco o uso da PB. Nesse caso, ficou clara a seleção do fator envolvido, mas Grosjean (1994) assevera que geralmente essa preferência acontece de forma inconsciente.

Uma representação visual das discussões acerca do modo monolíngue e bilíngue pode ser observada na imagem abaixo. Nos quadrados, o que está em preto expressa a língua ativada, e em branco, a língua desativada (GROSJEAN, 1998).

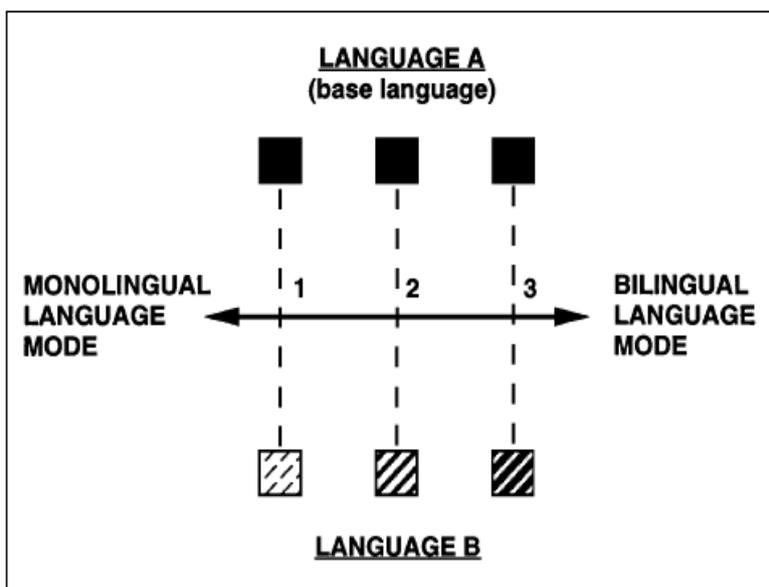


Figura 13: Representação do modo monolíngue e bilíngue

O modo monolíngue representado acima mostra que nessa situação o bilíngue não traz a “língua convidada” com tanta frequência quanto no modo bilíngue, declarando que pode haver interferências linguísticas (representadas pelos tracejados), mas que elas são menos constantes. Esses modos (bilíngue ou monolíngue) dizem respeito ao nível de ativação de duas línguas.

Um estudo realizado por Lanza (1992 apud GROSJEAN, 2001) com uma criança bilíngue (Inglês-Norueguês) de dois anos e meio, observa justamente como se dá a ativação das línguas. A pesquisa mostrou que a criança mistura línguas com mais frequência em um contexto bilíngue (representado pelo pai) do que num contexto monolíngue (representado pela mãe). Além disso, evidenciou que muitas vezes a criança e o seu interlocutor bilíngue inserem um elemento linguístico de outra língua por estar ciente que o interlocutor entende que se trata de uma mistura de língua, que não dificulta a comunicação, pois ambos são fluentes nas duas línguas. Grosjean (2001, p.?), mais uma vez, assegura que esses modos da língua são intrínsecos a alguns fatores que “dizem respeito aos



participantes (proficiência na língua, modo de uso da língua, formalidade na interação), a fatores que lidam com a forma e o conteúdo (tema, quantidade de mistura de línguas, língua utilizada) e com o ato de linguagem”.

Apesar de Edu ser bilíngue em modalidades distintas, os dados reforçam a ideia de que os sujeitos bilíngues ativam a(s) língua(s) de acordo com seus interlocutores, e que essas escolhas estão ligadas também a fatores sociais, além de linguísticos. A forma como Edu traz a língua de sinais para a interação é reflexo da produção bilíngue de seu interlocutor, e as escolhas linguísticas de seu interlocutor são provenientes, também, de um contexto em que a mãe surda está inserida no mesmo ambiente, o que oportuniza o uso da língua de sinais e da língua falada.

As ocorrências de mistura de línguas na produção da criança bilíngue bimodal são fenômenos comuns do bilinguismo. Emmorey *et al.* (2008), nos estudos acerca do bilinguismo bimodal, mostram que o fato de haver misturas de línguas da mesma modalidade não significa que eles queiram transmitir informações distintas, mas indica que quando há disponibilidade de dois articuladores independentes, os bilíngues irão produzir a mesma informação sobreposta, em diferentes modalidades.

Neste estudo, houve a predominância da sobreposição de línguas, corroborando as outras pesquisas concernentes aos bilíngues bimodais. Sousa e Quadros (2012) apresentam quatro tipos de sobreposições de línguas: a) Sobreposição de línguas com a língua falada como base – a fala é a língua base e aparecem sinais durante a produção falada; b) sobreposição de línguas com a língua de sinais como base – as palavras da língua falada aparecem sobrepostas aos sinais; c) sobreposição mista – a fala e os sinais são privilegiados em momentos distintos e d) sobreposição completa – as duas línguas são produzidas simultaneamente. Nas produções de Edu, é possível visualizar o predomínio do primeiro tipo de sobreposição, onde os sinais surgem no discurso falado, conforme os fragmentos abaixo:

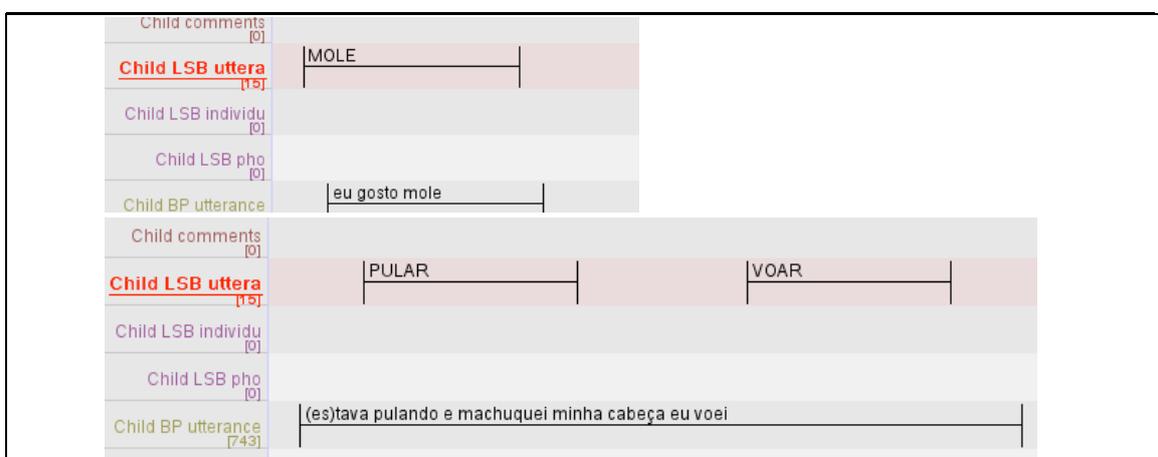


Figura 15: Sobreposição de línguas na produção da criança bilíngue bimodal

Na produção do adulto ouvinte, fluente em língua de sinais, fica evidente



a ocorrência frequente da sobreposição completa. Na maioria das vezes, ele insere sinais juntamente com a fala.

Adult1 comments [0]	0:20.000 00:02:21.000 00:02:2	Adult1 comments [0]	00:00:27.000 00:00:2
Adult1 LSB utteran [75]	COMO CAIR COMO	Adult1 LSB utteran [75]	CHIQUE
Adult1 LSB individ [0]		Adult1 LSB individ [0]	
Adult1 LSB pho [0]		Adult1 LSB pho [0]	
Adult1 BP utteranc [519]	como como caiu como	Adult1 BP utteranc [519]	que chiquê

Figura 16: Sobreposição de línguas na produção do adulto bilíngue

Os dados analisados reforçam as análises realizadas por Sousa e Quadros (2012), que indicam que, apesar das diferentes sobreposições apresentadas pelos bilíngues bimodais, todas abrangem uma única proposição, asseverando a proposta de que mesmo produzindo sentenças complementares, eles têm uma proposição singular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções dos bilíngues bimodais nos oferecem uma riqueza que ainda precisa ser explorada. Os estudos na área estão apenas começando e têm mostrado que há muitas questões envolvidas no processamento linguístico das duas línguas de diferentes modalidades. Em alguns casos, os resultados corroboram as pesquisas que já foram desenvolvidas com línguas faladas, em outros, instigam a novos estudos.

Este estudo buscou, sobretudo, observar se a produção da criança bilíngue bimodal é diferente, conforme seus interlocutores. O resultado mostrou que sim, indicando que ela traz para a interação uma ou duas línguas, de acordo com seu colocutor. As ocorrências encontradas nos dados de Edu colaboram as investigações que já foram realizadas por outros estudiosos (GROSJEAN, 1998; QUADROS *et al*, 2013) incitando a existência de diferentes modos (bilíngue e monolíngue) para um mesmo sujeito. Além disso, os dados também mostraram que a ocorrência de sobreposição de línguas sobressai às alternâncias, característica comum aos bilíngues bimodais, uma vez que não há restrição física para que as produções aconteçam.

Por fim, esta investigação suscita novas pesquisas, pois, conforme Kanto *et al*. (2013), uma escassez de pesquisas sobre o ambiente linguísticos das crianças bilíngues, e muitas delas, assim como esta, trazem poucos casos analisados. Há uma necessidade em realizar novas investigações que possam contribuir com as pesquisas linguísticas, especificamente, ao bilinguismo bimodal.

THE BIMODAL BILINGUAL CHILD AND THE DIFFERENT INTERLOCUTORS: A CASE STUDY





ABSTRACT

Interested in studies for the bimodal bilingualism, this paper analyzes the linguistic production of a hearing child, the daughter of deaf parents, before different interlocutors - monolingual and bilingual. For this purpose, briefly outlines the inherent bilingual research and specifically the bilingual bimodal, in order to explain the studies that have been conducted in the area (GROSJEAN, 1994, 2001, 2010; EMMOREY *et al*, 2008; SOUSA e QUADROS, 2012; QUADROS *et al*, 2013). It also presents the methodology adopted for this case study and a background of the participants and situation in which the interaction occurs. Finally, it analyzes the data found and shows that the bimodal bilingual child has different modes of language (monolingual, bilingual) according to the caller.

Keywords: Bilingualism Bimodal; Libras; Brazilian Portuguese

REFERÊNCIAS

BAKER, Anne; BOGAERDE Van Den. (2008). Code-mixing in signs and words in input to and output from children. In: **Sign bilingualism: language development, interaction, and maintenance in sign language contact situations**. Philadelphia: John Benjamins, v.38, p. 1-25.

BIALYSTOK, Ellen. (2001). **Bilingualism in development: Language, Literacy, & Cognition**. Cambridge University Press, New York.

CHRISTMANN, K.E; OLIVEIRA, J.S; DOMINGOS, F.K.P; QUADROS, R.M. (2010). O software ELAN como ferramenta para transcrição, organização de dados e pesquisa em aquisição da língua de sinais. **Anais do IX Encontro do CELSUL**, Palhoça, SC, out. 2010, Universidade do Sul de Santa Catarina.

CRAIN, Stephen; LILLO-MARTIN, Diane. (1999). **An Introduction to Linguistic Theory and Language Acquisition**. Blackweel Publishers,423p.

EMMOREY, K., BORINSTEIN, H., THOMPSON, R. & GOLLAN, T. (2008). Bimodal bilingualism. **Bilingualism: L&C 11(1)**, p. 43–61.

GENESEE, Fred. (1989).Early Bilingual Development: one language or two? In **Child Language**. 16. Printed in Great Britain, p. 161-179.

GROSJEAN, F. (2010). Bilingual: Life and reality. **Harvard University Press**. Disponível em: <http://www.hup.harvard.edu/catalog/GROBIL.html?show=catalogcopy>

Acesso em agosto/2014

_____.(2001).The bilingual's language modes. In: **One Mind, Two Languages: Bilingual Language Processing** Janet L. Nicol (ed.).Oxford: Blackwell.



_____. Transfer and language mode. **Bilingualism: Language and Cognition**, 1998.

_____. (1994). Individual Bilingualism. In: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Pergamon Press.

HARMERS, J e BLANC, M. (2000). **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press.

KANTO, Laura; HUTTUNEN, Kertu; LAAKSO, Marja-Leena. (2013) Relationship Between the Linguistic Environments and Early Bilingual Language. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**.

KOVELMAN, Ioulia; BAKER, Stephanie A; PETITTO, Laura-Ann. (2009). Bilingual and Monolingual Brains Compared: A Functional Magnetic Resonance Imaging Investigation of Syntactic Processing and a Possible “Neural Signature” of Bilingualism. In: **J Cogn Neurosci**. 20(1): 153–169, 2009.

NEVES, B.C. (2013). **Narrativas de crianças bilíngues bimodais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, Brasil.

NICOLADIS, Elena. (1998). First clues to the existence of two input languages: Pragmatic and lexical differentiation in a bilingual child. In: **Bilingualism: Language and Cognition** 1, 105-116 Cambridge University Press.

PETITTO, L. A., KATERELOS, M. LEVI, B., GAUNA, K., TETRAULT, K., & FERRARO, V. (2001). Bilingual signed and spoken language acquisition from birth: Implications for the mechanisms underlying early bilingual language acquisition. **Journal of child language** n° 28(2), p. 453-496.

PIZZIO, Aline Lemos. (2006). **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da Língua de Sinais Brasileira: Construções com tópico e foco**. Tese de Doutorado, UFSC, Florianópolis.

QUADROS, R. M; LILLO-MARTIN, D; CHEN PICHLER, D. (2013). O que bilíngues bimodais têm a nos dizer sobre desenvolvimento bilíngue. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 380-388, jul./set. 2013

_____; LILLO-MARTIN, D. CHEN PICHLER, D. (2010). **Two languages but one computation: Code-blending in bimodal bilingual development**. Presented at the

Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research; Purdue University, Indiana; October.

SOUSA, Aline Nunes; QUADROS, Ronice Müller de. (2012). **Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e Português)**. *ReVEL*, v. 10, n. 19.

